

ANÁLISE DOS SCRIPTS INSCRITOS EM NARRATIVAS: UM ESTUDO DOS PRECONCEITOS NA CARACTERIZAÇÃO DE PERSONAGENS

ANALYSIS OF SCRIPTS INSCRIBE IN NARRATIVES: A STUDY OF THE PREJUDICES IN THE CHARACTERIZATION OF CHARACTERS

Selma Amaral de Freitas¹

Resumo: A atividade de leitura deve ter o objetivo de formar um leitor crítico e reflexivo. Para tanto, é necessário um estudo sobre as palavras usadas para descrever as personagens na história. Pretende-se demonstrar a influência dos *scripts* nas descrições de personagens de narrativas e de que forma os preconceitos subjazem a essas caracterizações e ações, apontando que uma interpretação baseada na análise das palavras torna possível verificar a história de vida das personagens, permitindo que o leitor compreenda seu próprio trajeto e reflita sobre os preconceitos presentes na sociedade.

Palavras-chave: Narrativas. Scripts. Personagens. Preconceitos.

Abstract: The reading activity should have the objective of forming a critical and reflective reader. To this end, it is necessary a study about the words used to describe the story's characters. This paper proposes to demonstrate the influence of scripts in the descriptions of characters in narratives, and how prejudice underlies these characterizations and actions, pointing out that an interpretation based on word analysis makes it possible to check the characters' life story, allowing readers to understand their own path and to reflect about prejudice in society.

Keywords: Narratives. Scripts. Characters. Prejudice.

1 – A LINGUÍSTICA DE TEXTO E A LEITURA DE NARRATIVAS

Desde o início do século XX, estudiosos da Linguística têm buscado compreender os fenômenos da Língua, ora analisando-a em seu contexto de uso, ora fora de contexto. Por volta da década de 1980, verificou-se que toda ação passa por processos cognitivos. Surge, então, a Linguística Textual, tendo como objeto o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem.

Na Linguística de Texto, o texto passa a ser considerado resultado de processos mentais, ou seja, os parceiros da comunicação ativam conhecimentos representados na memória que precisam ser ativados para que tenham sucesso em sua atividade comunicacional. Tais conhecimentos são o ponto de partida para que, na leitura, o leitor construa o sentido do que lê (KLEIMAN, 1997). Para compreender esse processo, estudiosos buscaram em outras disciplinas,

¹ Graduada em Letras – Secretaria de Estado da Educação/SP – selmar.del@gmail.com

como as das ciências cognitivas, ciências sociais, computacionais e biológicas, o ponto de partida para o estudo do texto.

O foco no processamento da informação possibilitou um novo olhar sobre a leitura como objeto, considerando que, segundo Dell’Isola (2000), a leitura é uma habilidade cognitiva que ocorre quando um indivíduo atribui significado e aciona um processo ativo de interação com um texto. Assim, para entendermos como o leitor interage com o texto, é necessário compreendermos como as informações são representadas em nossa memória, como os aspectos sociais e culturais interferem nessas representações e de que modo esses conhecimentos contribuem para a atribuição de significados, culminando com aquilo que chamamos de leitura. Tal processo ocorre em nossa memória por meio de modelos que possibilitam significarmos o mundo pelo que lemos e significarmos o que lemos pelo que apreendemos de nossas leituras.

2 - MODELOS COGNITIVOS – *SCRIPTS* – NARRATIVAS

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a possibilidade de se entender a leitura baseada na interpretação crítico-reflexiva de narrativas, mediante uma perspectiva que observe atentamente os preconceitos presentes em representações de mundo, perceptíveis apenas quando se focalizam os modelos cognitivos globais, especificamente os *Scripts*, a partir de uma abordagem cultural.

O que aprendemos, e que é significativo, fica gravado em nossa memória de longo prazo, fazendo-nos compreender a realidade a nossa volta por meio de representações. Fatos marcantes (positivos ou negativos), histórias que ouvimos e experiências transformam-se em conhecimentos. Ao longo da vida, tais conhecimentos, consuetudinários, vão dar origem a nosso aporte cultural, formatando nosso modo de ver o mundo, que passa a ser estereotipado e generalizante.

A memória armazena esses conhecimentos culturais e estereotipados por meio de blocos denominados, por Van Dijk (2002), de Modelos Cognitivos Globais. Por serem estereotipados, encerram uma carga de preconceitos encobertos que se manifestam de maneira velada. Sendo assim, os “[...] *scripts* compreendem modelos de estruturação mental elaborados como redes semânticas que mantêm, entre si, dependências conceituais capazes de se remeterem a descrições de uma sequência de ações estereotipadas” (TURAZZA, 1994, p. 44) e, por serem culturalmente compartilhados, ajudam-nos a nos portar em eventos diversos e dirigem-nos na realização de

fazerem de maneira pré-determinada, ou seja, sabemos como devemos proceder, por exemplo, em um casamento, e esperamos que tudo que ocorre nesse evento se dê como aprendemos. Para cada evento, é esperado um resultado.

Tais planos são culturais e orientados por normas que assumimos em nossa vida cotidiana. Agnes Heller (2004) afirma que, no jogo das relações sociais, o homem orienta-se por normas e estereótipos e os assimila. Segundo a autora, o que possibilita nossa vida em sociedade são as generalizações. Não seria possível fundar-nos em conceitos científicos a cada atividade que precisássemos realizar. As generalizações, então, nos auxiliam a realizar ações típicas do dia a dia: sabemos como deve ser um casamento, uma consulta médica, a visita a uma biblioteca, uma aula. E temos uma expectativa quanto aos autores responsáveis em cada situação.

Nessa mesma acepção, os *scripts* são generalizações aprendidas e postas em prática ao longo de nossas vidas, mas podem trazer preconceitos que apenas um olhar crítico pode revelar.

Assim, no momento da leitura, tais representações vêm à tona, orientando a interpretação que daremos ao texto. A maneira como compreendemos as palavras que designam os seres é formatada por esses modelos. O modo como lemos tem a ver com nossas experiências, nossas representações, e até nossos preconceitos. Em uma narrativa, as palavras trazem significados – para Vygotsky, citado por Oliveira (1992), os significados relacionados às palavras partem de generalizações – cuja interpretação, se não for crítica, pode reforçar estereótipos preconcebidos. Nas narrativas, os esquemas apresentam-se por meio das palavras usadas para descrever, além das características, as ações (fazerem) das personagens. Para a personagem A, espera-se um *script* diferente do que se espera para a personagem B. Pode-se dizer que as palavras usadas para caracterizar as personagens nos dizem quais fazerem se referem a elas, nos induzem culturalmente – por ser consuetudinário – a esperar que o *Script* relacionado a ela seja positivo ou negativo, bom ou mau. Se meu personagem é uma mulher feia e pobre, espero que o *Script* de casamento para ela seja sofrimento, desavença, violência. Caso seja uma mulher bela e rica, espero que seja alegria, felicidade e paz.

Explicitando melhor, as narrativas configuram-se por ações que, segundo Elias (1990), passam de um estado inicial para um estado final, e são mediadas por um fazer transformador. Ou seja, são eventos, marcados por ações iniciais, que resultam em algo bom ou ruim, dependendo do fazer que as transformam e que estão imbricados às características dessas personagens.

Por conseguinte, é necessário analisar as palavras que caracterizam as personagens em cada passagem da história, início, fazer transformador e final, verificando quais são os esquemas (*scripts*) ativados na memória ao ler, transcendendo o mero significado (generalizado) das palavras, culminando em uma leitura crítico-reflexiva.

Os esquemas culturais, armazenados na memória, especificamente os *scripts*, podem guiar a construção e a interpretação de narrativas quando tomadas as características das personagens; sendo assim, a atividade de leitura deve focalizar as escolhas lexicais em que se configuram os planos de ação das personagens.

3 – A PALAVRA, A PERSONAGEM, OS *SCRIPTS* – UMA RELAÇÃO DE SENTIDOS

Pesquisas desenvolvidas no campo da aquisição, desenvolvimento, domínio e uso da linguagem apontam ser a palavra seu elemento fundamental, pois, é por meio dela que se designam coisas, ações, bem como as relações entre os seres no mundo e a qualidade desses processos relacionais. São as palavras, conforme Luria (2001), que garantem os processos de generalização e de especificidade dos sentidos que se constroem e reconstroem continuamente, de modo a serem as palavras a garantia da expressão de características individuais e generalizantes dos seres, agrupando-os ou individualizando-os. É a palavra, segundo Gusdorf (1995), a ponte que nos liga ao mundo, a nós mesmos e à sociedade. A representação de um discurso, portanto, não deve ser apenas microestrutural, restrita ao campo dos significados, mas também macroestrutural, relativa aos sentidos, ou seja, dependerá de fatores contextuais, pessoais, voltados a interesses e obrigações, além de fatores históricos, culturais e ideológicos. (VAN DIJK, 2002).

Oliveira (1992), em estudo sobre Vygotsky, discute a concepção do autor acerca das relações entre pensamento e linguagem e a intervenção da cultura no processo de construção de significados pelo indivíduo. Por acreditar que os símbolos sociais influem na representação de mundo, Vygotsky postulava que a cultura proporciona a representação da realidade por meio da linguagem de maneira generalizante, isto é, sem um “acordo” sociocultural seria impossível a comunicação, pois, são significados generalizantes que possibilitam a relação entre os referentes concretos (as coisas) e as palavras que os nomeiam. Concebe-se, assim, que as palavras como mediadoras na relação do homem com o mundo são generalizações, referindo-se a classes de

objetos que consistem em signos – representações dessas categorias de objetos. (OLIVEIRA, 1992).

Dessa forma, uma análise de narrativa, que dê conta não somente de sua estrutura, mas que possibilite ao leitor a ressignificação de sua própria história pela história vivida pela personagem do texto, apenas é possível quando se toma por referência a palavra usada para caracterizar personagens e suas ações no início e no final da história. Turazza (1994) afirma que é mediante o conhecimento do outro que o homem conhece a si mesmo e procura influir em seu próprio comportamento e no do outro. O texto é, dessa forma, o lugar onde pode ocorrer esse conhecimento, o lugar da intersubjetividade, pois, é por meio da representação – possível de se compreender pelo estudo semântico, tendo em vista que a palavra é uma forma de representação das personagens – que o leitor pode projetar-se na história, aprendendo mais de si e do mundo.

A palavra, portanto, deve ser compreendida sob dois aspectos, sendo um relacionado aos seus significados – institucionalizados – e outro aos sentidos que têm relação com o momento, a situação, a história de vida, o papel social de quem faz uso dela, seja como autor ou leitor, tendo em vista que, ao ler, o leitor (re)constrói o texto ao interpretá-lo, passando a ser coautor, tendo em vista que seus olhos são diferentes dos olhos do autor e de outro leitor que se apropria da mesma história. (BOFF, 2004).

No entanto, esse processo de coautoria apenas se institui ou se consubstancia quando o leitor é proficiente, sendo capaz de ultrapassar os limites da decodificação. Logo, as narrativas transformam as práticas cotidianas em um lugar repleto de sentidos simbólicos modalizados pelas escolhas lexicais que povoam as histórias lidas.

O que se propõe é uma investigação situada nos limites da palavra cristalizada, visando à construção de um novo olhar, por meio de práticas de leituras de narrativas que se estendam para além dos processos de decodificação. Este estudo pretende atribuir relevo às personagens – nomeadas e descritas por escolhas lexicais do autor – cujas qualificações físicas, psíquicas e sociais estão articuladas entre o fazer e o ser que caracterizam o mundo por elas constituído.

Nessa perspectiva, o estudo da palavra deve vir relacionado ao estudo dos *scripts*, pois, estes possibilitam uma visão crítica dos fazeres que modificam o andamento da vida da personagem ao longo da história narrada, de modo a facultar ao homem agir de maneira contrária ao imposto pelo *script*. Tal análise tende a proporcionar uma interpretação de texto que não se constituirá apenas de uma análise linguística e/ou literária, mas abrangerá a dimensão do homem,

a leitura terá como meta a compreensão de si mesmo e, conseqüentemente, a compreensão de outrem:

A compreensão humana vai além da explicação, pois comporta um conhecimento de sujeito a sujeito... o outro não é apenas percebido objetivamente, é percebido como outro sujeito com o qual nos identificamos e que identificamos conosco... Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia, generosidade. (MORIN, 2000, p. 94-5).

Para tanto, faz-se necessário elaborar um modelo de análise textual que favoreça o desenvolvimento de uma leitura crítica que abarque tanto o estudo dos significados e sentidos das palavras que caracterizam as personagens como a visão crítica dos *scripts* representados em nossa memória.

Acrescente-se que cada modalidade da estrutura do texto narrativo, situação inicial, fazer transformador e situação final pode ser comparado à história de vida da pessoa enquanto personagem de sua própria história, ou seja, culturalmente, o *script* guia a concepção que se tem de cada pessoa ou grupo, de modo que se espera, ao longo da vida, que cada um “receba aquilo que merece”. O texto selecionado para análise é o conto *A Moura Torta*. Originada na tradição oral, a história – que possui várias versões, dentre elas *A menina e a negra* e *A Pomba* – apresenta escolhas lexicais que reforçam estereótipos advindos de uma visão preconceituosa de determinados grupos sociais, tendo em vista que tais preconceitos já tenham sido incorporados à cultura.

Pode-se verificar que as características das designações guiam os conceitos concebidos durante e ao final da vida e os contos maravilhosos, passados de pais para filhos, trazem enraizadas essas concepções. As histórias foram criadas e são transmitidas carregando em seu arcabouço os preconceitos frutos dos estereótipos existentes na vida real.

Diante do exposto, pretende-se analisar o conto *A Moura Torta*, focalizando a estrutura do texto narrativo (situação inicial, fazer transformador e situação final), mediante a apresentação de escolhas lexicais que caracterizam as personagens no início, meio e final da história e de que maneira tais características guiam os fatos que ocorrerão ao longo do texto, de forma estereotipada.

A moura torta²

Era uma vez um rei chamado Massad, que governava um país extenso e cheio de fartura. Esse rei tinha apenas um filho, chamado Anuar, um príncipe virtuoso e de bom coração.

Quando Massad morreu, Anuar o sucedeu no trono, governando, desde o início, com sabedoria e justiça. E o povo, que já o estimava sinceramente, passou a amá-lo e respeitá-lo.

Um único problema, entretanto, afligia Anuar: passado o período de um ano, que se guardava como luto pela morte do rei anterior, as leis do país exigiam que o novo rei se casasse tantas vezes quantas fossem necessárias, até que tivesse um filho para ser o futuro soberano. Mas Anuar não gostava de nenhuma mulher, nem acreditava que pudesse amar uma pessoa.

Os conselheiros da coroa, com medo de que Anuar perdesse o trono, começaram a procurar-lhe pretendentes entre as princesas de outros países. Viviam a enaltecer a beleza e as virtudes dessas moças, mas o rei nem sequer ouvia as descrições que eles faziam.

Anuar tinha o hábito de todos os dias passear incógnito pelas terras do reino, para poder conversar com os súditos e saber quais eram suas reais necessidades. Um dia, quando dava um de seus passeios habituais, chegou às margens de um rio, onde avistou, sentada à sombra de uma árvore frondosa, uma jovem de radiante formosura.

Ao vê-la, o coração de Anuar começou a bater mais forte, e ele imediatamente descobriu que, pela primeira vez na vida, estava apaixonado. Tentando disfarçar a emoção, dirigiu-se à jovem e, depois de revelar sua verdadeira identidade, pediu-a em casamento. O rosto da moça, que estava melancólico, abriu um sorriso. Afinal, ela tinha se sentado ali justamente para pensar no amor que sentia pelo rei e que julgava nunca poder ser correspondido. Assim, aceitou o pedido sem pensar duas vezes.

A futura rainha, entretanto, deveria ser apresentada à corte condignamente vestida e acompanhada por um cortejo cheio de pompa. Assim, Anuar pediu à noiva que subisse na árvore e se escondesse entre os galhos, enquanto ele iria até a cidade para providenciar tudo. Recomendou-lhe que não falasse com ninguém nem desse sinal de vida durante sua ausência, pois tinha receio de que a roubassem.

A moça atendeu prontamente ao pedido e subiu na árvore para esperar o noivo. Algum tempo depois, viu se aproximar uma escrava muito feia, conhecida como Moura Torta, que vinha buscar água para os patrões. Tinha as pernas tortas e caminhava com dificuldade, carregando um pote de barro sobre a cabeça.

Cansada, a Moura Torta sentou-se bem no lugar onde a jovem tinha sido encontrada pelo rei, e começou a pensar na vida.

Obedecendo aos conselhos do rei, a jovem não fez nenhum ruído para que a escrava não desse pela sua presença. Entretanto, quando a Moura Torta se curvou sobre o rio para encher o pote, viu refletida nas águas tranquilas a imagem formosa da noiva do rei. E, como não sabia que a moça estava ali, achou que aquela imagem fosse sua própria.

— Que desaforo! — disse ela, então. — Uma moça tão linda como eu fazendo um trabalho pesado desse jeito!

E, num acesso de raiva, jogou o pote de barro no chão, fazendo-o em mil pedaços. Depois foi-se embora.

A jovem, do alto da árvore, precisou segurar o riso para não ser descoberta.

² A Moura Torta. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/a-moura-torta-contos-de-fada-infantis>>. Acesso em: 24 mar. 2013.

Ao chegar em casa, a Moura Torta disse aos patrões que havia levado um tombo e quebrado o pote de barro pelo caminho. Deram-lhe então um barril de madeira, que não se quebrasse tão facilmente, e a mandaram outra vez buscar água.

Mas, quando se abaixou para encher o barril, a escrava viu novamente a imagem da linda moça refletida na água. Acreditando de novo que aquela era a sua própria imagem, exclamou com raiva:

— Isso não pode ser! Uma jovem deslumbrante como eu servindo de escrava para os outros!

E, louca de ódio, jogou o barril contra as pedras, espatifando-o.

Desta vez, a noiva do rei teve muita dificuldade em segurar o riso, e precisou colocar um lenço junto à boca para não explodir numa gargalhada.

Mais uma vez a Moura Torta voltou para casa e mentiu aos patrões, dizendo que havia escorregado de novo e que o barril havia se espatifado no chão. Deram-lhe então um caldeirão de ferro e a mandaram buscar água.

Dali a pouco ela chegava ao rio e se debruçava sobre as águas para encher o caldeirão. Mas lá estava novamente a bela imagem refletida, e a escrava sem conter, gritou:

— Não, não e não! Decididamente sou bela demais para fazer este trabalho!

E, tomada de um acesso de fúria, começou a atirar o caldeirão contra as pedras que havia na margem do rio, tentando quebrá-lo. Como não conseguia, foi ficando cada vez mais irritada, aumentando sua feiúra com caretas e gestos desesperados. Até que a jovem, que a tudo assistia, não resistiu mais e soltou uma gostosa gargalhada.

A Moura Torta, assustada, olhou então para o alto da árvore e avistou a noiva do rei.

— Ah, então é você, sua malandra! – ela gritou. – É você quem está fazendo com que eu quebre minhas vasilhas?!

E, para susto da moça, começou a subir na árvore. Mas, chegando ao galho onde estava sentada, não lhe fez nada. Falou de sua vida, da tristeza de ser escrava, até conseguir conquistar-lhe a simpatia. Depois, começou a afagar-lhe os cabelos, elogiando-lhe a beleza. Quando a moça estava distraída, a Moura Torta, que entendia de bruxarias, tirou do bolso um alfinete encantado e, sem que a jovem percebesse, espetou-lhe com força na cabeça. Imediatamente a linda noiva do rei se transformou em uma pombinha, que saiu voando dali.

Horas depois o rei chegava, acompanhado por numeroso cortejo, com soldados, criados e todos os nobres da corte. Na frente, vinha uma banda de música para abrir passagem. O reino estava em festa com a notícia de que o rei iria se casar. Qual não foi a decepção de Anuar, porém, ao encontrar, em vez da belíssima jovem que havia escolhido para esposa, a escrava feia e de pernas tortas a esperá-lo na copa da árvore!

— Mas o que aconteceu? – ele perguntou, surpreso.

— Oh, Majestade! – disse a Moura Torta. – Foram tantas horas de espera, debaixo de sol e de vento, que minha pele sensível não resistiu!

Anuar ficou completamente desorientado com aquilo, mas não suspeitou de nada. E, como já havia prometido casamento a moça e comunicado ao reino toda sua decisão, não podia voltar atrás. Assim, prosseguiu com a festa e casou-se com aquela mulher horrorosa.

Um dia depois do casamento, quando o jardineiro do palácio começou a trabalhar, viu pousar numa planta uma linda pombinha, que começou a cantar:

Ó bondoso jardineiro, se não se importa, me diga como passa o rei com sua Moura Torta!

E o jardineiro respondeu:

Come bem e passa bem, passa vida regalada, tão serena e sossegada, como no mundo ninguém!

A pombinha, tristemente cantou:

Ai, pobres de nós, pombinhas, que comemos pedrinhas!

E depois saiu voando, desaparecendo do jardim. O jardineiro, espantado, foi correndo comunicar ao rei o que acabava de ver e ouvir. Curioso, Anuar lhe ordenou que tentasse agarrar aquela ave fantástica de qualquer forma.

No dia seguinte, à mesma hora, lá estava de novo a pombinha, pousada na mesma planta, cantando:

Ó bondoso jardineiro, se não se importa, me diga como passa o rei com sua Moura Torta!

E o jardineiro novamente respondeu:

Come bem e passa bem, passa vida regalada, tão serena e sossegada, como no mundo ninguém!

E a pombinha tornou a cantar:

Ai, pobres de nós, pombinhas, que só comemos pedrinhas!

Mas desta vez, antes que ela fosse, o jardineiro ofereceu-lhe um laço de barbante, dizendo:

— Ponha o pé aqui, linda pombinha!

— Não – ela respondeu. – Meus pés não foram feitos para laços de barbante!

E depois voou, desaparecendo ao longe.

Novamente o jardineiro correu para contar ao rei tudo o que havia visto e ouvido. Anuar, cada vez mais intrigado, ordenou-lhe que oferecesse à pombinha um laço de prata.

No dia seguinte, ela voltou a aparecer no jardim e, depois de fazer a pergunta de sempre e de receber a mesma resposta do jardineiro, este ofereceu-lhe o laço de prata. Mas a pombinha novamente recusou, dizendo que aquilo era muito pouco para ela.

No quarto dia, o rei mandou oferecer-lhe um laço de ouro, que também foi recusado. Só no quinto dia, quando lhe foi oferecido um laço magnífico, todo cravejado de pérolas e diamantes, foi que a pombinha aceitou que lhe prendessem o pé.

O jardineiro a levou então à presença de Anuar, que ficou encantado com a delicadeza da ave e ainda mais porque ela podia realmente falar.

Prepararam-lhe então uma gaiola deslumbrante e a colocaram na sala do trono, onde todos os dias o rei passava horas e horas a admirá-la e a alisar-lhe as penas.

Um dia, quando Anuar estava mais uma vez agradando sua avezinha, começou a afagar-lhe delicadamente a cabeça até que, de repente, passou os dedos pelo alfinete que ali estava espetado.

— Pobrezinha! – disse ele, ao ver do que se tratava. – Quem pôde lhe fazer tamanha maldade?

E, penalizado, segurou-a com carinho, tirando, com muita paciência, o alfinete da delicada cabecinha. No mesmo instante, viu surgir à sua frente a linda jovem que havia encontrado às margens do rio.

A moça contou-lhe então tudo o que havia acontecido naquele dia, enquanto esperava por ele sentada nos galhos da árvore. E Anuar descobriu, horrorizado, que estava casado com um feiticeira má e invejosa. Anulou o casamento e, em seguida, casou-se com a linda jovem.

Para Moura Torta, reservou um castigo impiedoso: mandou que a prendessem em um barril cheio de canivetes espetados, de fora para dentro, com as lâminas abertas. Depois, que a

jogassem montanha abaixo, para que rolasse pela ladeira. A Moura Torta já não vivia quando chegou ao pé da montanha. Estava toda estraçalhada.

O rei Anuar e a esposa viveram anos e anos, sempre rodeados de felicidade.

4 - ANÁLISE DO TEXTO

As características apresentadas no início do texto expõem os estereótipos que subjazem às escolhas lexicais das personagens da narrativa. Se, por um lado, o de rei é virtuoso, tem bom coração, é sábio, justo, portanto amado e respeitado por todos, ou seja, possui boas qualidades de caráter, por outro, as duas mulheres da história são caracterizadas de modo a reforçar a inferioridade com relação ao rei. A jovem é formosa, deslumbrante, bela – apenas características físicas – e a Moura Torta é feia, tem pernas tortas e caminha com dificuldade. É importante ressaltar, também, que o rei recebe um nome na história, as mulheres não. A jovem é assim chamada ao longo de toda a narrativa e a escrava recebe um apelido pejorativo: moura é uma palavra relacionado aos mouros, habitantes da Mauritânia, homens de pele escura. Então seu “apelido” poderia ser interpretado como a negra torta.

O fazer transformador ocorre quando a jovem, distraída, é vista pela Moura Torta, após soltar “uma gostosa gargalhada.” Verifica-se que o fazer transformador revela pontos positivos da personalidade da garota, que se mostra ingênua e crédula, mas, ao mesmo tempo, apresenta uma Moura Torta ainda mais feia, mais irritada, desesperada, assustada e que entendia de bruxarias, ou seja, era uma bruxa.

Ao saber do ocorrido, o rei decepciona-se, pois, no lugar da jovem belíssima, encontrou a escrava feia e de pernas tortas, cuja pele era negra, pois “as horas de espera, debaixo de sol e de vento”, tornaram sua pele escura. Anuar era um homem de palavra e não voltou atrás. Casou-se com a bruxa.

O final da história apresenta a resolução do problema. A bela jovem casa-se com o rei e a Moura Torta é castigada e morta.

Retomando Heller (2004), os preconceitos partem de generalizações que, se por um lado auxiliam-nos nas ações do dia a dia, por outro, reforçam estereótipos. Sendo assim, aos *scripts* para homem branco, mulher branca e mulher negra subjazem generalizações preconcebidas e aceitas pela sociedade; podemos comprovar com as predicções encontradas no dicionário para caracterizar cada uma das palavras que caracterizam as personagens.

As designações baseiam-se em predicacões do Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa 1.0.

HOMEM BRANCO:

- Senhor de escravos; Patrão, pessoa importante ou pessoa da classe dominante;
- Livre de intenções ou influências malévolas.

MULHER BRANCA:

- Na tradição, como indivíduo e/ou coletivamente, representação de um ser sensível, delicado, afetivo, intuitivo; fraco fisicamente, indefeso (o 'sexo frágil'), idealmente belo (o 'belo sexo'), devotado ao lar e à família (mulher do lar) etc. Casamento; Constituição de família (filhos).

MULHER NEGRA:

- Mulher em cativeiro, escrava; Mulher muito trabalhadora; Mulher malvada; Mulher suja.

Ao se propor uma leitura de narrativas baseada apenas em sua estrutura textual, corre-se o risco de reforçar os preconceitos já cristalizados na sociedade. Quando o propósito da atividade de leitura é propiciar a reflexão e o pensamento crítico, é necessário analisar cada personagem e seu desenvolvimento ao longo da história, levantando as diferenças de caracterizações e procedimentos entre elas, observando a necessidade de se ensinar a compreensão entre as pessoas para que se alcance a solidariedade intelectual e moral da humanidade (MORIN, 2000).

Para uma sociedade mais justa, igualitária e solidária, é necessário que os valores já introjetados sejam revistos. A leitura crítico-reflexiva possibilita uma comparação entre o percurso da vida da personagem e do leitor. Oliveira (1992) afirma que “[...] no caso da formação dos conceitos [...] as crianças interagem com os atributos presentes nos elementos do mundo real, sendo essa interação direcionada pelas palavras que designam categorias culturalmente organizadas (p.31).” Os atributos, caracterizações das personagens nas narrativas, produzem um

efeito formativo nas crianças, pois, para elas, tais atributos representam designações verdadeiras para todos os indivíduos com aquelas qualificações, ou seja, se uma personagem é branca, portanto, é uma pessoa bondosa, tem um final feliz para sempre, e a outra é negra, portanto, má, tem um final de castigo; se, por um lado, o homem é aquele que tem em suas mãos o poder de resolver todos os problemas, sendo ele o que direciona a vida das personagens femininas para o bem ou para o mal, por outro, as mulheres assistem passivamente a tudo que o homem lhes impõe, apenas aguardando por seu ato de heroísmo ou por seu castigo. A criança, então, elabora uma representação de mundo em que vai compreender que ricos, homens e brancos, detêm o poder de resolver todo e qualquer problema, sendo, portanto, aqueles que irão dominar, chefiar, gerenciar situações, empresas, conflitos, nações, enquanto pobres, mulheres e negros apenas devem aguardar, apáticos, suas soluções, tendo em vista que, culturalmente, passa-se a acreditar que tudo isso é natural.

Sendo assim, uma narrativa, aparentemente ingênua, pode reforçar a manutenção de conceitos estruturados de maneira consuetudinária, sedimentando estereótipos, reforçando preconceitos.

5 – CONCLUSÃO

Os *scripts* – modelos generalizados – por serem planos de ação, ao serem incorporados pela narrativa adaptam-se a ela, reiterando modos de agir e pensar, intensificando preconceitos quando a história é gerada mediante padrões tradicionais, impostos culturalmente, não rompendo com a previsibilidade das ações que povoam as práticas sociais do cotidiano.

Observa-se, nas narrativas, particularmente nos contos de fadas, a representação de *scripts* que consolidam práticas consuetudinárias, não colocam em questão os modos de agir e ser característicos de determinados grupos sociais.

Apenas uma leitura crítico-reflexiva pode facultar uma interpretação textual que coloque em confronto o mundo possível da narrativa e o mundo real do leitor que, ao comparar os *scripts* que tem armazenado na memória com aqueles da história, poderá repensar suas atitudes frente a situações semelhantes no cotidiano.

Uma interpretação de texto eficaz não deverá estar presa apenas aos significados das palavras – por serem generalizantes –, mas, transcendendo-os, deve voltar-se aos sentidos e às

escolhas que propiciam mudanças nos *scripts*, possibilitando, ao leitor, enfrentar seus próprios preconceitos.

Uma visão crítico-reflexiva dos *scripts*, representados nas narrativas, possibilita que sejam verificados detalhes da história de vida da personagem que, colocada em confronto com a história de vida do leitor, permite que este compreenda sua própria história na sociedade, refletindo sobre seus próprios preconceitos, os que lhe são impingidos e os que sente em relação ao outro.

REFERÊNCIAS

A Moura Torta. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/a-moura-torta-contos-de-fada-infantis>>. Acesso em: 24 mar. 2013.

BOFF, L. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. 41.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

DELL'ISOLA, R. L. P. A contribuição do sentido durante a leitura em Português – LE. In: JUDICE, N. (Org.). **Português língua estrangeira**: leitura, produção e avaliação de textos. Niterói: Intertexto, 2000.

DIJK, T. A. V. **Cognição, discurso e interação**. (Organização e apresentação de Ingedore V. Koch). 4. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

ELIAS, M. C. V. **Um estudo textual da narrativa de suspense**: contribuição à tipologia de texto. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1990.

GUSDORF, G. **A palavra**: Função, comunicação, expressão. Trad. José Freire Colaço. Lisboa: Edições 70, 1995.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa**. CD-ROM. Versão 1.0. 2009.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 5. ed. Campinas: Pontes, 1997.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem**: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

OLIVEIRA, M. K. V. e o Processo de Formação de Conceitos. In: LA TAILLE, Y. et.al. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

TURAZZA, J. S. **Léxico e criatividade**. São Paulo: Plêiades, 1994.